

# A Geografia Atual: A Objetividade Dada A Geografia a Construir: A Objetividade como Vir-a-Ser\*

Dionizia de Fátima Estevam\*\*

## Introdução

Dentro dos paradigmas atuais da modernidade encontram-se geógrafos extremados advindos da renovação na geografia, que dicotomizam o eu-sujeivo e o ser-objetivo ou seja, materialismo e idealismo, o que deixa dúvida sobre o que predomina a consciência ou o ser, o homem ou a natureza enquanto matéria.

Para o materialismo a natureza, a matéria se sobrepõe a consciência ao sujeito (espírito), no sentido em que a matéria dá origem a consciência humana.

Para os idealistas, (Costa, 1990) a natureza, o mundo material, seria uma decorrência da consciência. Os idealistas acreditam que a transformação da realidade se dá na consciência humana, quer dizer, dever-se-ia, primeiro, transformar o homem, para que também a realidade fosse transformada.

Os materialistas (marxistas) acreditam que a realidade só se transforma em consequência das transformações materiais. em ambos os casos a visão do real ficará deturpada.

A proposta da dialética, seria romper esta dicotomia realizando a interação sujeito/objeto, "reconhecendo a realidade como a própria ação conjunta e concomitante (a práxis) entre consciência e matéria" (idem).

\* Trabalho apresentado junto à disciplina "Epistemologia da Geografia Humana", ministrada pelo prof. Dr. Armando Corrêa da Silva, no 2o. semestre de 1993.

\*\* Aluna do Curso de Pós-Graduação em Geografia, desde 1991, bolsista do CNPq.

## A Geografia e a Pretensão Crítica

*A Geografia, está em crise, viva a Geografia*

Carlos W. P. Gonçalves

Partindo, do pressuposto de que a realidade social é sempre mais rica, e que a construção científica pode mesmo reduzir e torná-la artificial, portanto, traz uma visão fragmentada da realidade. A Geografia brasileira começa a partir da década de 1970, a ter como fundamento a dialética baseada nas produções de geógrafos que não estavam satisfeitos com o rumo que a Geografia estava tomando naquele momento.

Em geral toda abordagem nasce de um impacto crítico que se pretende superar, pelo menos em parte o que outras formas de pensar/abordar, não dão conta, o positivismo e o empirismo não se ligam em concepções teóricas sobre a realidade, mas em imediatismos paupáveis pelos instrumentos técnicos.

A Geografia em crise daquele momento então, ganha fôlego com essa abertura para uma nova concepção de objeto/sujeito dentro da ciência geográfica.

Embora existam geógrafos que resistam ao marxismo como fundamentação filosófica, não é possível negar que os caminhos percorridos pelos geógrafos de esquerda tenham dado conta, com mais rigor aos problemas atuais/modernos colocados pela sociedade.

Ao assumirem para a Geografia uma abordagem marxista, uma ruptura no objeto e no método positivista, estancam no momento a crise, cuja catarse no Brasil ocorreu em 1978, por ocasião do 3º Encontro Nacional de Geógrafos em Fortaleza, e germinou várias obras colocando em evidência geógrafos como Milton Santos, Carlos W.P. Gonçalves, etc. Assim geógrafos que acreditavam, que a Geografia baseada na reação Homem/Meio, não davam conta das questões do mundo moderno e que positivismo/empirismo estavam superados, tomam como norte as diversas faces do marxismo, sabiamente adaptadas para a Geografia moderna.

Em "A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra" (LACOSTE, 1976), o autor coloca que é "preciso saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber nele combater", elegendo assim o espaço como a categoria central dos embates e conflitos da moderna Geografia. Contudo não há consenso sobre a sua definição. Uma crítica a este respeito é feita por Morcira (1988), "Nesta Geografia renovada é sempre o espaço quem "organiza", "determina" e "controla" a direção da história. A crítica do geometrismo parece ter desaguado no espacismo".

## A Geografia e a crise permanente

*O iluminismo está morto, o marxismo está morto,  
o movimento da classe trabalhadora está morto...  
e o autor também não se sente muito bem*

Carlos W. P. Gonçalves

Podemos, definir o pós-moderno, como o "nome dado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo. Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50, cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, sem que ninguém saiba se é a decadência ou renascimento cultural" (SANTOS, 1986), cf. (COSTA, 1990).

Dentro da perspectiva desta definição, a Geografia está caminhando junto com as demais ciências em busca de uma direção nesse momento ao contrário da crise de 1978.

Contudo, há autores que pensam esta crise como a anterior a geografia está ocorrendo atrás das demais ciências humanas". A grande questão é que nem bem parimos o novo do materialismo-histórico somos obrigados a enfrentar outro "novo", agora muito menos "amarrados e seguros", diante dos frutos ainda verdes da primeira safra, será isso uma prova de defasagem (...) que fazem com que a nossa disciplina sempre a reboque defendendo bases filosóficas que, quando adotadas sempre entre nós, já vem em plena crise nas outras ciências" (Idem). A crise, aqui é sinal de que estamos em permanente revolução/questionamento o que é bom e não permite que a Geografia estacione ou regreda.

Para SANTOS (1986), "A condição pós-moderna quer dizer, como as pessoas sentem e representam para si mesmas o mundo onde vivem", quer dizer, todos nós estamos expostos as inovações que se nos apresentam o mundo pós-moderno, e a derrocada do comunismo não significa que este esteja acabado mas que devemos incluir o cotidiano nas nossas interpretações do real.

A ideologia do cotidiano (SILVA, 1987), é formada ao se vivenciar o espaço e o tempo, ou seja, como o espaço/tempo são vistos/percebidos teoricamente.

O espaço do cotidiano é trabalhado pela cultura, estando pois esta atrelada aos movimentos de pós-modernidade explícitos ou implícitos (ideologicamente) na sociedade.

A abordagem pós-moderna reabre questões que a Geografia radical não conseguiu dar conta, como a questão do tempo geográfico (percurso) e o tempo histórico

(passado cultural). A Geografia sempre foi tida como um braço da Histórica da qual só agora dá mostra de se desligar, é nesse sentido que acredito que a revolução/crise permanente é salutar.

Nesse contexto também concordo com Harvey (1990), quando ele escreve que "Há alguns autores que desejam que retornemos ao classicismo e outros que buscam que trilhemos o caminho dos modernos. Do ponto de vista destes últimos, toda época tem julgada a realização da plenitude do seu tempo, não pelo ser mas pelo vir-a-ser".

Vivemos num momento de grande velocidade, onde parece que esquecemos de meditar e onde a lentidão é confundida com tédio e atraso (econômico) em relação ao atual.

Por paradoxal que seja, o homem atual em busca de acalmar o espírito, já que milhões de bruxos convivem conosco. Políticos se utilizam de adivinhos. Pipocam livros esotéricos, novas scitas são criadas. A astrologia e o tarô formam um misticismo intelectualmente elegante. O surgimento de um movimento em favor do desumano e das superstições podem desacreditar séculos de trabalhos do pensamento e da razão?

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. COSTA, R.H. Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade. São Paulo, Marco Zero, Revista Terra Livre, no. 7, 1990, p. 63-92.
2. GUATTARI, P., ROLNIK, S. Micropolítica - cartografias do desejo. 2o. ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
3. HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo, Loyola, 1992.
4. KOSIK, K. Dialética do concreto. 3o. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 230 p.
5. MOREIRA, R. Assim se passaram dez anos (a renovação da geografia no Brasil 1978 - 1988). Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente. Agb., n. 14, junho de 1992.
6. SANTOS, J.F. O que é pós-moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986.
7. SILVA, A.C. da. O pós-marxismo e espaço cotidiano. Geografia Pesquisa e Prática Social. São Paulo, Marco Zero, Revista Terra Livre, no. 7, 1990, p. 59-62.
8. Aparência, o ser e a forma. Apostila. São Paulo, 1988.
9. Geografia, modernidade e pós-modernidade. Apostila. Presidente Prudente, 1993.